

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2025
11 de março de 2025

INTERCEPTED / 2024

Um filme de Oksana Karpovych

Realização e Argumento: Oksana Karpovych / *Direção de Fotografia:* Christopher Nunn / *Montagem:* Charlotte Tourrès / *Música:* NFNR / *Som:* Artem Kosynskyi / *Produção:* Rocío Barba Fuentes, Giacomo Nudi / *Cópia:* DCP, a cores, falado em russo com legendas em português / *Duração:* 92 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de fevereiro de 2024, Berlin International Film Festival – Forum / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

É mais do que natural e compreensível que uma parte significativa dos documentários que têm sido rodados na Ucrânia invadida “se limitem” fundamentalmente a mostrar o impacto da guerra no dia-a-dia dos ucranianos, tornando visível o rasto de destruição, infraestrutural e humano, provocado pelos bombardeamentos e massacres a sangue-frio levados a cabo pelo exército russo. Procurando começar a responder à questão decisiva “Como é que os russos se explicam?” (Oksana Karpovych *in vídeo online*, publicado pelos LUX Audience Award no dia 19 de janeiro de 2025, intitulado “Intercepted – interview with Oksana Karpovych and MEP Pekka Toveri”), **Intercepted** faz-nos ver esta mesma guerra – que julgamos conhecer – de uma outra forma, porquanto, curto-circuitando a fórmula narrativa predominante no cinema e no discurso dos *media* em geral, nos dá acesso direto, bem “a cru”, à perspetiva do povo agressor. Não se trata aqui tanto de ver mas de *ouvir* os argumentos “do lado de lá”. E o que se ouve, face à destruição diária também aqui tornada (mais uma vez aos nossos olhos) notória, é toda uma narrativa digna de um filme de terror. Oksana Karpovych, jovem realizadora ucraniana formada no Canadá, chega a apelidar este seu filme de “horror documental” (*reel* publicado *online* pela European Film Academy, intitulado “I define our filme as documentary horror”, publicado a 23 de janeiro de 2025): “É um horror, é [como] um *thriller*. Infelizmente, o que vemos [eu acrescentaria: *e o que ouvimos*] não é uma fantasia, é uma realidade” (*in* “Intercepted – interview with Oksana Karpovych and MEP Pekka Toveri”).

A documentarista ucraniana partiu para este projeto com o intuito de ouvir e dar a ouvir os argumentos do lado agressor, procurando compreender a conivência da globalidade da opinião pública russa relativamente aos interesses geostratégicos da administração de Putin. Para tal, recorreu a um arquivo composto por chamadas intercetadas pelas forças especiais ucranianas em que soldados russos ligam para casa, dando notícias da frente de batalha aos seus entes queridos. As chamadas que ficaram na montagem final são só uma pequeníssima parcela daquelas que encontrou na Internet acessíveis a qualquer utilizador: ao todo, foram mais de 900 conversas, num total de cerca de 30 horas de áudio. Segundo a realizadora, estas vinham pôr em evidência toda uma monstruosa máquina de propaganda que mantém o povo russo preso tanto a fantasmas do passado quanto a efabulações e a generalizações grotescas do presente (por exemplo, a narrativa de que a invasão seria toda uma operação militar especial levada a cabo por Putin para livrar a Ucrânia do nazismo).

O horror de que fala a realizadora começa no – e ataca pelo – ouvido, já que nos planos a ação é mínima e o que se reporta, lamentavelmente, já nos acostumámos a ver nas notícias: fachadas de edifícios residenciais destroçadas, apartamentos deixados ao abandono, campas abertas na floresta e... pessoas que, apesar de tudo e em silêncio, perseveram. São elas os principais signos desta “nova vida normal”, mostradas em “simples observações do dia-a-dia”, para citar a realizadora (*in vídeo online*, publicado pelo Film at Lincoln Center no dia 14 de maio de 2025, intitulado “Oksana

Karpovych on Intercepted | ND/NF 2024”), “normalidade” que se estende a uma grande parte do território ucraniano (a câmara visita as regiões de Kyiv, Kharkiv, Mykolaiv e Donetsk). A exceção – importante e significativa – diz respeito à cena passada num campo de prisioneiros russos, cujos rostos foram manipulados digitalmente com o intuito de impedir a identificação: “Nunca tive a intenção de entrevistar estas pessoas. Já tinha ouvido o suficiente. Mas só queria vê-las” (*idem*), sendo que concluiu o seguinte uma vez estando lá e enfrentando estes rostos a quem a realizadora apenas havia sido “toda ouvidos”: “Eles pareceram-me muito banais e aborrecidos” (*idem*). Uma conclusão importante para que se perceba que o horror pode ter a mais mundana (e aborrecida) das aparências, tão familiares e, à superfície, inofensivas como as do vizinho do lado.

Mediante uma narrativa composta por essas chamadas interceptadas, a realizadora mapeia os argumentos do agressor e com isso concebe um filme de terror, ao mesmo tempo que documenta os sinais da passagem no terreno desses ou de outros soldados como esses que ouvimos. São planos que não enunciam apenas o que se terá ali passado, pois também prenunciam aquilo que poderá regressar em breve com o desenrolar da invasão. Estes planos, filmados com uma urgência completamente diferente, lembram **Landscape Suicide** (1986) de James Benning, filme em que a placidez da paisagem (suburbana) americana é interrompida, na banda sonora, por relatos de atos bárbaros perpetrados por dois psicopatas, Bernadette Potti e Ed Gein. O que os assassinos esquecem a imagem do local faz reaparecer – muitas vezes os seus relatos partem de uma descrição pormenorizada de onde estavam e por onde foram – como se a paisagem tivesse ela mesma um reservatório de memória próprio, que faz lembrar aqueles que esquecem ou querem esquecer. Porque a paisagem não sabe esquecer, nela acabam por confluir traumas e fantasmas do passado, que reincidem como um pesadelo recorrente.

Confidencia Karpovych em entrevista (*in* “Oksana Karpovych on Intercepted | ND/NF 2024”, citado atrás) que a execução do seu filme passou pela resposta a dois grandes desafios. Desde logo, o de levar a cabo o trabalho de seleção dos áudios, algo que foi facilitado a partir do momento em que Karpovych decidiu privilegiar as conversas entre soldados e suas mães, mulheres e irmãs – segundo a realizadora e como o filme atesta, era sobretudo com as mães que os soldados se abriam mais. Muitas vezes se, do lado de cá, na Ucrânia dilacerada, o soldado “diz mata”, do lado de lá, na delirante bolha mediática russa, a interlocutora “diz esfola”, num processo de desumanização chocante, mesmo que, para nós, seja “só áudio”. Mas se não vemos, parece que encenamos ou reencenamos a barbárie nos locais e objetos que a câmara filma e fixa, ao jeito de “quadros vivos” assombrados pelo massacre e a mais apocalíptica (mas bem real) desumanidade. Como tal, a realizadora diz que “fazer o *match*” entre imagem sonora e imagem visual foi o segundo e talvez o maior dos desafios: “Foi um trabalho mesmo difícil. (...) Não queria criar ilustrações para o que estava a ser mencionado nas conversas”, explica em entrevista (*idem*), afirmando que pretendia, com este dispositivo som-imagem, mostrar a imobilidade e como a tragédia se investe nas coisas, nos espaços e nas paisagens. Assim, para a realizadora – e o espectador decerto verificará – “[o] verdadeiro sentido do filme estaria na costura, na justaposição dos dois elementos” (*idem*).

O resultado, dessa “costura” ou desse *match* (um *pôr em interceção* como um *pôr em guerra*), está à vista numa série de atos de violência impostos pela imagem sonora contra a imagem visual. A invasão terrestre é, assim, transformada num puro dispositivo cinematográfico, tão poético quanto poderosamente interpelante. Apesar de tudo aquilo que é narrado, a palavra final radica nessa imobilidade e nesse silêncio, tal como em banais e humaníssimos gestos de cuidado: a do povo ucraniano persistindo em, por entre escombros e à mercê da violência sem freios do invasor, continuar a reclamar o direito a viver sossegada e condignamente. Na dita entrevista (*in* “Oksana Karpovych on Intercepted | ND/NF 2024”), a realizadora, emocionada, disse que se tivesse passado ao seu povo o microfone – e se este fosse tão honesto e despido como se apresenta aqui o carrasco ao telefone – não se ouviriam discursos mas somente gritos ou choros.